

## **“BUSCA A SABEDORIA E (...) ELA TE CERCARÁ COM SEUS BRAÇOS”. A MULHER CRISTÃ TARDO ANTIGA A PARTIR DE TEXTOS ESCOLHIDOS DE JERÔNIMO DE ESTRIDÃO. OS TÓPICOS DA VIRGINDADE E O ASCETISMO DESDOBRADOS EM UM AMBIENTE VIRIL**

Graciela Gómez Aso<sup>1</sup>

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é estudar o bispo cristão Jerônimo, de grande fama intelectual, e sua estreita relação religiosa e cultural com um grupo de mulheres romano-cristãs conhecido como “círculo aventino”.

É importante notar que o cristianismo reconfigurou o modelo feminino. As mulheres cristãs eram valorizadas por sua livre escolha de manter a abstinência sexual mais ou menos perpétua ou o modelo de virgindade como o mais alto grau de liberdade de escolha das jovens sobre o uso sexual de seus corpos. Essa atitude das mulheres cristãs as colocou à margem dos padrões socioculturais ligados à obrigação de toda mulher romana de colocar sua condição de mãe antes de sua condição de mulher com livre escolha sobre seu corpo.

Entre o final do século IV e o início do século V, no meio das mulheres aristocráticas do Aventino, Jerônimo foi o executor de uma tarefa que seria de fundamental importância no desenvolvimento da ascese monástica em Roma. O bispo de Belém chamou essas mulheres aristocráticas de seu meio de monachae christianae (freiras cristãs). Mulheres que mesmo em Roma decidiram viver com otimismo sua rigorosa ascese e sua virgindade como padrão de conduta cristã diante dos demais membros da comunidade cristã e da sociedade em geral. As virgens, em particular, foram treinadas para dar-se um espaço de leitura sagrada que as aproximava de um novo e transgressor modelo de conhecimento diante das normas educacionais romano-pagãs.

### **Palavras-chave**

Jerônimo de Estridão; mulheres cristãs; virgindade; ascetismo.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora – Pontificia Universidad Católica Argentina “Santa María de los Buenos Aires”, Buenos Aires, Argentina. E-mail: [g.gomezaso@hotmail.com](mailto:g.gomezaso@hotmail.com)  
*Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 – 2021.2. p. 143-154.*  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13923

## Resumen

Es objeto de este trabajo abordar el estudio de lo bispo cristiano Jerónimo, de gran fama intelectual y su estrecha relación religiosa y cultural com un grupo de mujeres romano-cristianas conocidas como "el círculo Del Aventino".

Es importante resaltar que el cristianismo reconfiguró el modelo femenino. Las mujeres cristianas eran valoradas por su libre opción a mantener abstinencia sexual más o menos perpetua o el modelo de virginidad como grado superior de la libertad de elección de las jóvenes mujeres sobre el uso sexual de su cuerpo. Esta actitud de las mujeres cristianas las colocaba al margen de los patrones socioculturales ligados a la obligación de cada mujer romana de anteponer su condición de madre a su condición de mujer con libre decisión sobre su cuerpo.

Entre fines del siglo IV y comienzos del siglo V en el entorno de las mujeres aristocráticas del Aventino, Jerónimo fue ejecutor de una tarea que había de tener fundamental trascendencia en el desarrollo de la ascesis monástica en Roma. El obispo de Belén llamaba a estas mujeres aristocráticas de su entorno, *monachae christianae* (*Monjas cristianas*). Mujeres que aún en Roma decidieron vivir su ascetismo riguroso con optimismo y su virginidad como patrón de conducta cristiana ante los otros miembros de la comunidad cristiana y de la sociedad en general. A las vírgenes en particular las formó para que se dieran espacio para la lectura sagrada que las acercaba a un modelo de saber novedoso y trasgresor ante las normas educativas romano-paganas

## Palabras clave:

Jerónimo de Estridón; mujeres cristianas; virginidad; ascetismo.

*“Busca a sabedoria e a ciência da Escrita, e une-te a ela, pois, como está dito nos Provérbios: Ama-la e ela te guardará, abraça-la, e ela te cercará com seus braços”*  
(Jerónimo de Estridón. *Comentário ao Eclesiastes*. Prólogo, 23, 381 e ss.)

O estudo do feminino nos tempos dos intelectuais cristãos se apresenta a nós hoje como um tópico de estudo necessário. Na investigação histórica é essencial revisitar o *corpus* documental para ampliar nosso olhar sobre um tema ao qual devemos retirar o véu da indiferença.

Nosso artigo aborda o Tardo antigo (séculos IV-V) e nos aproxima da realidade desigual da mulher no âmbito social aristocrático. Esta situação, nos permite prever a condição daquelas mulheres de baixa condição social, ausentes dos relatos históricos. Essas mulheres sem rosto, sem voz e sem nome se apresentam a nós como uma forma irrefutável de sua condição social subalterna ou marginal.

A sentença de nosso trabalho nos abre uma incógnita que nos permitirá contextualizar a situação formativa das elites aristocráticas nos tempos Tardo Antigos. Quais eram as condições de acesso ao conhecimento tanto dos homens como das mulheres?

Desde o século III a.C. a maior parte da população romana recorria às escolas mistas, nas quais um *literator* ou *primus magister* ensinavam as letras e matemática básica (Medina, 2012). Esta era a única formação pública generalizada para as mulheres.

Os filhos das famílias aristocratas estudavam em suas próprias casas com *paedagogi*, em geral, escravos ou libertos. Os filhos homens prosseguiram seus estudos na *Schola*, já em âmbito público, com um *grammaticus*, para logo iniciar seu *ciclo* de educação superior na qual estudavam retórica e oratória com Retores, aqueles que, pelo teor do seu conhecimento e a importância social da utilização da arte da palavra, tinham maior prestígio social e salários mais elevados.

Em resumo, a formação superior preparava para a carreira pública e política, âmbito vedado às *filiae mulieres*. Assim, a educação literária e filosófica destas, embora não estando proibida, poderia ser considerada no seio familiar como inútil (Hemelriik, 2015). A mulher acedia com pouca idade ao matrimônio, circunstância que as deixava presas a trabalhos domésticos e suas funções de esposa e mãe. As matronas romanas eram valorizadas por sua vida intrafamiliar, mas sobre sua cultura e formação, as fontes permanecem em silêncio.

Em função do dito é que a citação com a qual introduzimos este trabalho ganha importância.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 – 2021.2. p. 143-154.  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13923

É objeto deste artigo abordar o estudo do bispo cristão Jerónimo, de apreciada fama intelectual e sua estreita relação religiosa e cultural com um grupo de mulheres romano-cristãs conhecidas como “O Círculo de Aventino”. Em relação a isso nos perguntamos:

1. *Por qual motivo este homem da elite eclesiástica incentivou com veemência a estas mulheres a adotar uma prática religiosa ascética e a trabalhar pela cultura e a consolidação da religião cristã dentro do Império romano?*
2. *Houve no dalmata Jerónimo um sincero interesse pela realidade intelectual e cultural das mulheres aristocratas do Aventino ou viu nelas e em suas riquezas e vínculos político-sociais um caminho econômico que iria permitir sustentar seu projeto acadêmico cristão?*

Megan Willians (2006) em sua obra “The Monk and the book” alinhada substancialmente na corrente de História Cultural, realizou uma recente e interessante contribuição à interpretação de Jerônimo e seus vínculos extra e intereclesial, pois estuda através de modelos de representação. De acordo com este perfil interpretativo, Jerônimo se expressava de acordo com modelos discursivos, ações e usos de expressões simbólico-religiosas nas quais se auto representava como um monge de prática ascética, como um intelectual de seu tempo e como um homem de Deus apegado à palavra Sagrada que guiava sua vida eclesiástica. Seus interlocutores foram particularmente referentes contemporâneos do círculo eclesiástico e mulheres aristocratas e de grande fortuna tanto em Roma, como nas províncias ocidentais do Império.

Por sua formação clássica e sua fascinação pelas leituras em latim e grego é que percebemos em Jerônimo uma constante adaptação e reutilização de textos profanos como meio para potencializar os recursos de sua vida ascética e seus trabalhos intelectuais.

Jerônimo é ao mesmo tempo um intelectual cristão de perfil intemperante, de respostas carregadas de sarcasmo e um homem reflexivo e paciente diante dos temas mais urticantes da vida teológica e dogmática (GOMEZ ASO, 2013). É que ele moldou sua autorrepresentação e a construção de si mesmo e seus interlocutores durante seu extenso epistolário. Até os princípios do século V, em tempos de amadurecimento, Jerónimo parecia haver conciliado tanto ao monge anacoreta<sup>2</sup> como ao escolástico<sup>3</sup>. Foi um homem que enriqueceu sua vida eclesial a partir de uma impecável formação cultural pagã. Esta formação que o torturou durante seu tempo monástico no deserto da Calcídica

---

<sup>2</sup> O monge que se retirou para o deserto para orar.

<sup>3</sup> Erudito. O produto de uma formação refinada na qual formou suas condições de pensador e escritor intelectualmente dotado.

*Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 – 2021.2. p. 143-154.*

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13923

romana (Norte da Síria), permitiu-lhe já morando em Belém continuar com sua prática ascética e difundir com solidez intelectual seu ácido cristão.

Em Jerônimo observamos seu caminho de autorrepresentação como caminho de construção de sua identidade desde seu tempo em Estridão (Dalmácia) como membro de uma acomodada família cristã que custou estudos com os melhores Gramáticos, como Elio Donato e Retores de seu tempo, tanto em Anquilea, Roma ou Antioquia (373). Na Antioquia se formou com Apolinar de Laodicea<sup>4</sup>.

Em Alexandria chegou a receber os ensinamentos do exímio Retor Dídimos, o cego<sup>5</sup>. Estes ensinamentos foram centrais em seu trabalho intelectual, mas sua vida ascética no deserto de Cálisis (375) foi determinante em sua continuidade como homem da igreja. No deserto aprendeu ao mesmo tempo que as regras monásticas, o rigor linguístico do hebreu, por meio de seu companheiro de périplo monástico, quem soube ensinar-lhe o hebreu da Tora ao Pentateuco judeu. Em Constantinopla, se vinculou intelectualmente a Gregório Nazianzeno, quem o aproximou à literatura cristã oriental. Em Roma foi o secretário do papa Dâmaso (382-385). Seu último degrau eclesial foi o bispado de Belém, na igreja da Natividade, em cujo cubículo-*scriptorium* presenciou como testemunha os ataques de Hunos e Visigodos.

Em sua estadia em Roma se relacionou com os círculos aristocráticos dos recém-criados “clarissimi” (Excelentísimos) e “clarissimae” (excelentíssimas) do século IV. Estes eram aristocratas; para fazer parte desse grupo social seletivo, requeria a busca de um exercício metódico da

---

<sup>4</sup> Cfr. Teólogo e heresiarca cristão, que colaborou com Atanácio de Alexandria nas disputas na cristologia contra os arianos. Caiu rapidamente em um posicionamento que mutilava a pessoa humana de *Christos*, por considerar que seu espírito ou intelecto eram divinos. A heresia que lhe foi atribuída foi conhecida como Apolinarismo.

<sup>5</sup> O relato de Rufino, *História Eclesiástica*, 11,7: PL 21,516, nos permitiu conhecer seu método de estudo e trabalho. “...se dedicava durante noites interrompidas não a ler, mas a ouvir, para que, o que aos outros era-lhe proporcionado diante dos olhos, a ele foi diante do ouvido. E como costuma acontecer que depois de um trabalho de estudo chega o sono ao leem, Dídimos, diferentemente, aproveitava desse silêncio não para o descanso ou desocupação, mas para que, como uma espécie de animal ruminante, considerava de novo o alimento recebido e o que havia chegado a conhecer mediante uma ligeira leitura feita por outros, o reteria de tal modo em sua memória e em sua mente que parecia que não só havia escutado tudo o que foi lido, senão, melhor do que havia gravado nas páginas de sua mente. Deste modo, em breve espaço de tempo, alcançou tal acervo de ciência e erudição que chegou a ser doutor de escola eclesiástica.

<sup>6</sup> Homens e mulheres referenciadas como excelentíssimos por sua condição social e cultural.

mente e do corpo. Estes novos ricos, rivalizavam com as velhas famílias romano-pagãs as que pretendiam eclipsar. Para eles o patrocínio dos intelectuais e dos guias religiosos, em particular os ascetas, era importante. Jerônimo havia chegado no lugar certo no momento.

Desde sua origem, o cristianismo reconfigurou o modelo feminino. As mulheres cristãs eram valorizadas por sua livre decisão de manter uma abstinência sexual mais ou menos perpétua, o modelo de virgindade como grau superior da liberdade de escolha das jovens mulheres sobre o uso sexual de seu corpo (Hidalgo de la Veja, 1993:229). Esta atitude das mulheres cristãs as colocava à margem dos padrões socioculturais ligados à obrigação de cada mulher romana de antepor sua condição de mãe e sua condição de mulher com livre decisão sobre seu corpo. O paganismo impôs com rigor uma condição subalterna dentro do âmbito familiar em benefício dos homens de seu entorno: seu pai e seu esposo.

Foi Paulo de Tarso quem em suas epístolas serviu de modelo para os intelectuais cristãos do tardo antigo e suas “epístolas-tratados”. Em uma de suas cartas aos Gálatas, encontramos sua declaração de princípios sobre a igualdade entre os cristãos (Leitón Redondo, 2020:138): *“Porque (...) não há judeu nem negro, nem servo nem livre, nem macho nem fêmea: todos vocês são um em Cristo Jesus”*. (Gálatas, 3, 26-28).

Nestas palavras paulinas se encontravam o fundamento doutrinal que libertou a mulher do corpete patriarcal romano e mudou fundamentalmente o modo familiar nos tempos cristãos.

A conversão ao cristianismo significou para a mulher uma confirmação de sua igualdade com o homem e de uma idêntica dignidade. Neste sentido a mulher cristã tomou consciência de si mesma e de sua capacidade para poder sair do marco imposto pelos valores culturais e sociais romano-pagãos (Hidalgo de la Veja, 1993: 232). Na literatura cristã se manifestava que os ensinamentos doutrinários e as práticas comunitárias recaíam em homens e mulheres indistintamente, como *irmãos e irmãs* de Cristo (Hidalgo de la Veja, 1993: 232).

Já dizia a respeito Clemente de Alexandria (150-217) que *a castidade para nós (os cristãos) quer dizer que não há desejos, não porque diante do desejo seja dominado, mas porque se faz dominador do ato de desejar* (Stromata, 3. 7,57).

Entre finais do século IV e começo do século V no entorno das mulheres aristocratas de Aventino, exerceu uma tarefa de tom dogmático que os intelectuais cristãos anteriores lhe deixaram como legado.

O que pretenderam estas mulheres ao aproximarem-se de Jerônimo e em contrapartida o que pretendia ele com esta aproximação?

Estas mulheres foram referência de um grupo nobre em ascensão. Necessitavam validar seu pertencimento ao cristianismo sob a orientação espiritual de um homem de provado ascetismo. A castidade das viúvas e a virgindade das jovens em um padrão de comportamento familiar e social para resgatar e consolidar.

Estas mulheres conseguiram junto a um asceta reconhecido alcançarem uma legitimidade incontestável.

Jerônimo ascendeu à secretaria do papa Dâmaso (382-385) tanto por sua sólida formação e suas condições de bom orador e metódico estudioso das Sagradas Escrituras, como, por sua fama ascética. Este chegou à Roma como um tímido monge que, em seu primeiro, por rigor religioso, se negava ao contato com mulheres (Serrato Garrido, 1991: 372). Foram Paula e Marcela líderes naturais deste grupo de mulheres do monte Aventino, aquelas que se aproximaram dele para que as servisse como guia especialista.

Finalmente, Jerônimo foie executor de uma tarefa que teria uma fundamental importância no desenvolvimento do ascetismo monástico em Roma.

O bispo de Belém as chamava, *monachae christianae* (Monjas cristãs). Mulheres que ainda em Roma decidiram viver seu ascetismo rigoroso com otimismo. O caso de Asela, mulher próxima à Marcela quem em carta para Jerônimo (Epístola 24) disse: “*Sã sempre de corpo e mais sã de espírito, a solidão às suas delícias e na cidade turbulenta soube encontrar o deserto dos monges*” (JERONIMO, *Epistolário*, Ep. 24,2)

Dado este exemplo e outros que foram deixados de lado, estas mulheres rapidamente recriaram na tumultuosa cidade de Roma e reclusas em suas casas no Aventino, os ideais ascéticos dos monges do deserto. A oração, as vigílias, as horas de retiro em solidão, a comida escassa, os frequentes jejuns, o abandono de todo luxo e cuidado com o vestir, o enclausuramento suspenso apenas por motivos religiosos, como a assistência aos templos e às tumbas dos mártires.

Estamos de acordo com SERRATO quando afirma que estas mulheres praticavam a *seccesio mundi*. Se separavam de sua antiga vida social e afetiva com a finalidade de fortalecer seu estudo das Escrituras. A *lectio*

*divina*, fixava uma orientação monástica à castidade e a virgindade consagrada destas mulheres.

Não obstante, estas *monachae christianae* não cumpriam um requisito monástico de primeira ordem: o retiro e o abandono de sua vida urbana. Suas premissas monásticas se desenvolviam em âmbito doméstico. Mas, ainda dentro de seus palácios desenvolviam um modelo de ascetismo feminino que, mesmo carente de organização e regras fixas, foi o âmbito no qual consolidaram seu novo universo ascético.

Tomando como exemplo a *ecclesia* doméstica da matrona Paula, esta vivia reclusa com sua filha Eustóquia e um grupo de escravas virgens, emancipadas tal como afirma Jerônimo: “*Haviam deixado de ser criadas para serem consideradas irmãs*” (JERÔNIMO, Ep. 22,29).

Depois de sua viuvez Paula converteu seu palácio em um centro ascético de grande reconhecimento.

Jerônimo encorajava as virgens em geral, e a Eustóquia em particular, em um tratamento total de irmandade para com as servas que compartilhavam a *professio virginalis*:

*“Se há alguma companheira no teu propósito, não te levantes contra ela, não sejas arrogante como Senhora. Cantem a Cristo juntas, recebam o corpo ao mesmo tempo, por que a mesa ser diferente?”* (JERÔNIMO, Epistolario, Ep. 22, 29)

Como se percebe nas advertências de Jerônimo ele foi para estas mulheres um guia cuidadoso da doutrina de Paulo de Tarso que compartilhamos acima.

Naquele seleto grupo de mulheres se destacava Marcela, reconhecida por seus ancestrais ilustres como os Graco e os Cipiões. Foi ela quem desde seu *domus/palatium* dirigiu o desenvolvimento de conversas sobre as Sagradas Escrituras, comemoradas por Jerônimo como mestre e guia espiritual. Ele soube ensinar o que em sua formação não haviam recebido. As motivou pedagógica e culturalmente para diferenciarem-se diante dos intelectuais da época. Algumas, como Paula, dominavam o grego, e incluso o hebraico para recitar os Salmos em sua língua original.

Para compreender a sede que Jerônimo deu a estas mulheres de Roma vale recordar que, de suas 154 epístolas, 15 foram dedicadas às mulheres romanas ou provinciais em busca de conselho sobre virgindade ou castidade.



Entre as epístolas de Jerônimo, uma das mais conhecidas é a carta 22, o *"libellus de uirginitate servanda"* (Súplica sobre a preservação da virgindade). Escrita em 384, em tempos de sua residência em Roma junto ao papa Dâmaso. Estava nominalmente dirigida à Eustóquia, filha de Paula, uma nobre romana que fez de sua virgindade uma ferramenta político-social. Esta decisão foi acompanhada de um ascetismo visceral. Esta epístola foi considerada como uma "carta aberta" ao conjunto das virgens cristãs provenientes de famílias aristocráticas.

Jerônimo é um escritor que utiliza um discurso no qual analisa uma gama de situações da vida cotidiana com o objetivo de conseguir convencer Eustóquia das virtudes da vida virginal diante das duras *molestias nuptiarum* ou as cargas do matrimônio: (...) *"como se aumenta o ventre, as crianças pequenas choram, como faz sofrer as amigas do marido, como absorve o cuidado da casa"*. (Jerônimo. *Epístolas*, 22, 2)

O grande tópico pedagógico de Jerônimo emergiu de suas longas horas de leitura da *Laecti divina*. Seu tempo de ascetismo no deserto da Síria foi de sofrimento e crescimento em medida igual. Nesse tempo, a leitura foi reconfortante. Para isso deixaria à Eustáquia, filha mais nova de Paula o grande *exempla* da leitura como componente das dores do sacrifício das mulheres que decidiram ser celibatárias e virgens: *"Leia com assiduidade e aprende todo o possível. Que o sonho te surpreenda sempre com um livro e que teu rosto, ao cair no sono, seja recebido por uma página santa"*. (Jerônimo. *Epístolas*, 22, 17)

E incluso a sugere: *"Pela noite convém se levantar duas ou três vezes a mastigar o que sabemos de memória das Escrituras."* (Jerônimo, 22, 37)

Para reafirmar este pensamento deixa à Eustáquia e a sua mãe Paula uma referência textual que emergiu de seus contatos epistolares e pessoais em Belém, último destino eclesial de Jerônimo. Nesta passagem de necessidade sobre a importância da leitura como meio para consolidar a vida ascética. Em seu *Commentario al Ecclesiastés* disse:

*"Busca a sabedoria e a ciência da Escritura, e une-te, pois, como está dito nos Provérbios: Ama-la e ela te guardará; abraça-la, e ela te cercará com seus braços"* (Jerônimo de Estridão. *Comentário ao Ecclesiastes*. Prólogo, 23, 381 e ss.)

Até que ponto podemos vincular esta aproximação este apoio e guia Jeronimiano a estas mulheres com o princípio romano do *"do ut des"*? (te dou para que me dê).

Jerônimo se mostra como um romano tradicional. Este princípio era a razão de ser da convivência social. Enquanto ele foi seu guia e mestre

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 – 2021.2. p. 143-154.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13923

espiritual, elas foram um recurso exemplar na difusão da doutrina cristã. Em Roma, coração do Império romano, encontrou assistentes, tradutoras e escribas que ajudaram a dar forma à grande obra de Jerônimo: A Vulgata ou primeira Bíblia latina traduzida das versões em hebraico e grego. Elas sustentaram todos os que demandou o trabalho de tradução, publicação e difusão de sua grande obra acadêmica.

Na prática elas abriram seus suntuosos palácios para que servissem de *exempla* de prática ascética feminina em zona urbana. Com o tempo, Marcela abriu uma casa monastério na zona urbana de Roma. Paula e sua filha Eustóquia abandonaram Roma depois do exílio de Jerônimo e da morte de Dâmaso, permanecendo em Belém e fundando ali um monastério de mulheres e casas de proteção para os desamparados.

## Conclusão

Em função do contexto da época apresentado e os parágrafos textuais compartilhados, faz-se uma breve reflexão.

Naquele contexto Tardo Antigo o matrimônio cristão era o meio para que as mulheres desse oferecessem à comunidade essencialmente como procriadoras. Mas aquelas mulheres que rejeitavam por vontade própria a união carnal eram destacadas com comum ao buscar uma vida solitária e ascética na qual o prazer se depositava na busca de Deus através da *lectio divina*.

Em um texto recente de Martinez Maza (2015) a autora considera que por meio desta decisão transgressora as cristãs se apresentaram como “não mulheres” em um mundo viril. Estas virgens unidas a Deus se dedicaram a se unir como intelectuais cristãs, praticaram um ascetismo monástico e se dedicaram a superar os limites de sua condição social. (Martínez, Mas, 2015: 88).

Nesse contexto, a figura de Jerônimo foi fundamental. Se repensamos os parágrafos indicados acima, é ele quem as guia, é ele quem se auto representa como mediador, é ele quem construiu um discurso que as cercava em um âmbito, que, até ali, era exclusivo dos homens. Assim, usa termos como **leia, busca a sabedoria** e com tom patriarcal e de guia espiritual as acompanha para alcançar a sabedoria, elas graças ao seu patronato compartilharão o prazer da leitura, temática que tratarei a seguir.

Em poucas palavras, o belemita se prefigurou como eixo e gestor, como quem compartilhou seu saber com estas mulheres. Ele se prefigura como *magister* delas.

Em suas numerosas cartas às virgens e viúvas, *Deo dicatae* (dedicadas a Deus), Jerônimo ditava normas claramente inspiradas em seus critérios de monge e anacoreta: Abstinências, jejuns, vigílias, abandono do corpo, horas dedicadas à recitação de salmos e à oração, recolhimento, estudos das Escrituras. Todo um programa mais harmonioso para ser executado entre os muros de um monastério, que no interior de uma mansão urbana. Jerônimo, magistralmente, conseguiu convencer a estas mulheres a adaptarem essas casas a uma vida monástica, metamorfoseando o abandono do lar e da cidade, requisito monástico por excelência, pelo abandono dos prazeres que proporcionava a condição social destas mulheres. Estas *Monachae Chistianae* souberam cumprir o ensinado e difundir com eficácia desde seu âmbito recoleto, ainda que suntuoso.

Os cristãos as veneravam, não pela beleza de seu corpo, mas pela força e o valor das convicções que emergiam de seu intelecto.

O necessário apoio econômico delas e sua figuração intelectual e provado ascetismo. A história e as circunstâncias da época os uniram. Desta via dupla saíram vitoriosos. O Cristianismo em tempos de consolidação e empoderamento social e político, também.

## Referências bibliográficas

### Fontes de referência

CLEMENTE DE ALEJANDRÍA. *Stromata* I, II y III. Madrid: Ciudad Nueva, 1998.

JERONIMO DE ESTRIDÓN. *Epistolario* I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992.

JERÓNIMO DE ESTRIDÓN. *Comentario al Eclesiastés*. Biblioteca de Patrística. Madrid: Ciudad Nueva, 2004.

PABLO DE TARSO. *Epístolas de San pablo*. Barcelona: Ed. Balmes, 1950.

### Bibliografia

GOMEZ ASO, G. *El modelo epistolar de Jerónimo de Estridón. La importancia político-religiosa de dicho género entre la aristocracia romano-cristiana y Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 – 2021.2. p. 143-154.  
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13923

*la intelectualidad cristiana en tiempos del contacto cultural de cristianos y bárbaros.* REVISTA EUROPA N.º 7. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, pp. 121-132. 2013.

GOMEZ ASO, G. La epístola 123 como ejemplo de la retórica discursiva de Jerónimo de Estridón en el entorno de mujeres aristocráticas de Roma. Barbarie y castidad como tópicos del tardo-antiguo. Revista Stylos 22. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, pp. 82-95, 2013.

HIDALGO DE LA VEGA, M.J. *Mujeres, carisma y castidad en el cristianismo primitivo*. Gerión, 11: Madrid: Editorial Complutense de Madrid, pp. 229-244, 1993.

LEITÓN REDONDO, A. *La mujer en la propuesta doctrinal de Pablo de Tarso*. Rev. Filosofía Univ. Costa Rica, LIX. (153), pp. 137-150, 2020.

MARTINEZ MAZA, C. Cristianas sabias, arquetipo femenino en el mundo Tardo Antiguo. Revista de Historiografía 22. Madrid: Universidad Carlos III, 2014.

MEDINA QUINTANA, Silvia. *Mujeres y economía en la Hispania romana. Oficios, riqueza y promoción social* (Colección Deméter 4), Oviedo: Editorial Trabe, 2014, pp. 256, 2014.

SEGUÍ-MARCO, Juan José. *La docencia femenina en la Hispania romana: una infundada conjetura*, Historia de la Educación. 34(0), Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. pp. 191-205, 2015.

SERRATO GARRIDO, M. *Monachae Christianae: consideraciones de San Jerónimo sobre el Monacato urbano*. HABIS 22. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 371-380, 1991.

WILLIAM Megan Hale. *The monk and the book. Jerome and the Making of Christian Scholarship*. Chicago: University of Chicago Press. pp 312, (ano?).